



R Reflexão sobre o ensino de Geografia e uso da música

*Andréia de Souza Ribeiro Rodrigues**

Resumo

A educação hoje vem passando por uma série de transformações, abrindo precedente para a busca de novos caminhos, novas práticas educativas. Sob esse aspecto, o presente trabalho procura justificar a utilização da música como forma alternativa de produção de conhecimento em Geografia.

Nos dias de hoje, vivemos uma realidade educacional que inviabiliza a prática, em sala de aula, de uma Geografia Tradicional, de extrema valia para a evolução da ciência geográfica, mas que atualmente perde seu sentido em razão das muitas transformações pelas quais passa o mundo, não havendo mais lugar para simples enumerações, descrições e diferenciações de paisagens e acidentes geográficos. Os conceitos apenas memorizados, mas desvinculados de uma realidade sócio-econômica e cultural se perdem ao longo da vida do educando que não consegue validar esses conhecimentos em seu cotidiano.

A ciência geográfica é muito mais que simples conceitos a serem memorizados. As relações entre os homens e entre os homens e o meio ambiente dinamizaram-se demasiadamente, fazendo com que, a cada momento, sejam tomadas novas decisões que exigem do cidadão

* Professora de Geografia do Colégio de Aplicação João XXIII / UFJF. Especialista em Geografia e Planejamento Ambiental/ PUC-MG e Docência do Ensino Superior.

comum um posicionamento consciente frente aos acontecimentos que lhe dizem respeito enquanto ser social que é.

Através de uma *"prática educativa libertadora"*, a Geografia, como as outras ciências, devem formar homens criativos, dinâmicos e atuantes em suas realidades, para que possam modificá-las de acordo com as necessidades que por ventura venham a surgir.

A escola também não é diferente e tal como a sociedade, vivencia processos semelhantes, que exigem posicionamentos políticos, econômicos, sociais e ideológicos definidos por todos aqueles que integram direta ou indiretamente a prática educacional.

Assim, devemos colocar em prática uma Geografia mais reflexiva, que possibilite ao aluno uma compreensão mais real do mundo em que vive, preparando-o para integrar o progresso social e tornando-o um agente ativo, de muita importância, consciente de seu papel no decorrer do processo histórico vigente e do qual dependerá o futuro de nossa sociedade.

Desse modo, se faz imprescindível a utilização de um ensino alternativo, que não esteja baseado somente em aulas expositivas, livros didáticos, conhecimentos e verdades prontas e acabadas vindas do professor, mas que seja um auxiliar do processo ensino-aprendizagem despertando no aluno toda a sua "criticidade" frente à sociedade que o cerca e do qual faz parte. Esse "ensino" deve levar em consideração a realidade imediata do aluno e as influências dessa realidade em sua visão pessoal de mundo, de modo a não torná-lo mero receptáculo, mas sim um construtor de conhecimentos.*

Não quero aqui despertar toda a gama de conhecimentos e idéias já desenvolvidas pela humanidade através dos tempos e que foram valiosos para as ciências e para a sociedade de modo geral.

Toda aprendizagem implica aquisição de uma visão nova. O conteúdo de qualquer disciplina é resultado da maneira como as gerações que nos precederam e o produziram, viram a natureza, a si mesmas, a história, enfim a totalidade existente. Mais do que isso, os conteúdos sinalizam a maneira com a qual fomos, desde criancinhas, ensinados a ver as coisas, porque cada teoria acaba historicizando-se não só nas suas formulações abstratas, mas também nas suas produções concretas: pessoas que as assimilaram, coisas que as realizaram, instituições (poderes), costumes, valores que as encarnaram. E tudo isso nos envolveu e nos plasmou. Somos maneiras vivas de ver (visões), frutos dessas teorias (visões) abstratas que incidiram sobre nós e nos produziram concretamente, muito antes de termos delas consciência. O que a escola e a sala de aula devem propiciar é o clima apto para a interpretação, existencialmente significativa, e, justamente nesse sentido, não repetitiva, mas crítica e criativa desses conteúdos, que no fundo nos constituem como determinados produtos humanos, historicamente situados (LARA, 1996:226).

Por todos esses aspectos que a Geografia deve ter o seu sentido dinamizado, deixando de ser aquela disciplina “enfadonha” como muitas a consideram. Os alunos de hoje, talvez devido às facilidades de acesso aos meios de comunicação, exigem aulas mais dinâmicas e que os despertem para a descoberta de novos conhecimentos.

Conforme ALVES (1995:20)

“Não queremos alunos que saibam de cor os mapas e os seus caminhos já conhecidos. Para isso basta ter boa memória. Queremos alunos que, sabendo a “linguagem” dos mapas, sejam capazes de encontrar caminhos em mapas que nunca viram”

Partindo dessas considerações, buscamos construir uma proposta que vinculasse o ensino de Geografia à utilização da música em sala de aula. O tema mostrou-se interessante, numa tentativa de conciliar os conceitos geográficos a algo bastante agradável e próximo de nossos alunos.

A priori, conforme discorreu VYGOTSKY, a síntese de dois elementos não é somente a soma ou justaposição desses elementos, mas o emergir de algo novo, anteriormente inexistente. Esse “algo novo”, que não estava presente nos elementos iniciais, tornou-se possível através da interação entre os elementos, num processo de transformação que resulta em novos fenômenos.

Podemos dizer que a interação entre a música e a Geografia promoveu algo novo, já que abria-se a possibilidade de aprender coisas novas, mas sem “decorar”, de um modo mais agradável, mais “saboroso” - já que sapiência significa coisa que tem sabor o que a Geografia, de modo geral, não tinha.

A colocação em prática dessa proposta, baseada na adoção da música para o ensino de 5ª a 8ª séries do 1º grau, iniciou-se no Colégio Satélite, localizado em Juiz de Fora, onde pude verificar a validade da música como técnica alternativa e auxiliar do processo ensino-aprendizagem.

A praxis ocorreu numa turma de 6ª série, durante o 2º semestre de 1994, tendo contado para isso com o apoio incondicional do professor regente daquela turma, ocasião em que foi trabalhado o conteúdo “O Espaço Agrário Brasileiro”.

Naquela oportunidade, foi trabalhado o poema “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto e a música “Funeral de um Lavrador”, também de sua autoria, porém interpretada por Chico Buarque de Holanda. As atividades propostas visavam gerar um debate mais crítico, principalmente no que referia às suas linguagens subjetivas e implícitas.

A receptividade dos alunos era enorme e bastante visível, inclusive havendo solicitações para novos trabalhos como àquele.

A avaliação foi consolidada através da realização de trabalhos feitos pelos educandos, que, através de linguagens artísticas como poemas, histórias em quadrinhos, dramatizações e etc., demonstraram, de modo simples, os

conceitos por eles construídos e que carregavam a importância e a subjetividade dada por cada um.

Cabe aqui ainda ressaltar, que em outras ocasiões, tive a oportunidade de ratificar o emprego da música no ensino de Geografia, através dos mais variados conteúdos e séries, mas tendo sempre a mesma receptividade e resultados bastantes satisfatórios.

A educação pela arte dá-se, pois, independente de a institucionalizarmos. É um fato histórico. Podemos e devemos, no entanto, justamente em força desse fato, exigir que as instituições de educação reconheçam o seu lugar no processo de produção humana e a tirem do ostracismo a que se vê condenada em termos de política educacional (LARA, 1996 : 98).

Segundo TUAN (1980), a palavra topofilia revela o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Considerando-se este ambiente físico, percebemos que diferentes experiências sócio-econômico-culturais e aspirações anteriores determinam a avaliação que o homem faz desse espaço. As pessoas não vêem a mesma realidade, nem tampouco dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente.

Assim, podemos dizer que as noções de lugar e espaço são muito importantes, já que o lugar é aquele em que o indivíduo está ambientado e integrado. Faz parte de seu mundo de relações, afeições, sentimentos e idéias. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância, e o estudo do espaço pode retratar uma análise de sentimentos e idéias espaciais de cada aluno. A sua experiência pessoal e subjetiva é fundamental para que o conhecimento abstrato seja construído.

Assim, devemos valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo humano, objetivando compreender o comportamento e as maneiras de sentir de cada pessoa em relação aos diferentes espaços e lugares. Para cada pessoa existe uma visão de mundo própria, que expressa-se através de atitudes e valores referentes ao ambiente. É o contexto pelo qual uma pessoa valoriza e organiza o seu mundo e nele se relaciona.

E esse relacionamento do homem com o meio, ao longo de seu desenvolvimento, passa a ocorrer não só de maneira direta, mas sim mediada.

Essa mediação, segundo VYGOTSKY, acontece através de instrumentos e signos, dentre os quais encontramos e destacamos a linguagem, que é um sistema simbólico básico presente entre os vários grupos sociais.

A linguagem exerce um papel muito importante na comunicação entre os homens, já que através dela, o homem consegue "assimilar" as formas culturalmente estabelecidas.

Partindo desse princípio, KOHL (1995) coloca que, segundo as interpretações de Vygotsky, a cultura não é algo novo, estático, mas apresenta-se em

“constante movimento de recriação e reinterpretações de informações, conceitos e significados. A vida social se estabelece enquanto processo dinâmico, onde cada indivíduo participa de modo ativo, possibilitando a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um.”

A partir daí, retornamos ao ponto inicial dessa proposta: a arte, como linguagem e sistema simbólico, possibilita a interação entre homens e entre os homens e o meio ambiente, ou seja, o seu espaço de vida.

Desde épocas bem remotas que a música, a literatura, a poesia e mais recentemente os filmes, se fazem presentes dentro das sociedades, demonstrando ser uma produção dos indivíduos e, conseqüentemente, dos grupos sociais. Essas formas de linguagem servem para exprimir sentimentos de alegria, raiva, saudade, nacionalismo, crítica e contestação, razão pela qual, em certos momentos de repressão política, havia a censura, evitando-se, assim, a disseminação de idéias, atitudes e valores contrários.

A arte, como forma de expressão mediada, tem a capacidade de aliar a concretização dos sentimentos do artista à realidade própria dos homens de sua época, bem como relacionar criador e contemplador. SOUZA (1994: 109) retrata isso muito bem ao citar Baudelaire *“na música, como na pintura e até mesmo na palavra escrita que é a mais positiva das artes, há sempre uma lacuna completada pela imaginação do ouvinte.”*

E é essa lacuna que deverá ser completada pelo nosso aluno, ser social, cheio de experiências e percepções próprias, várias delas, inclusive, anteriores à escola, que terá na obra de arte, seja ela música, pintura, literatura e etc., a chance de fazer a sua leitura de mundo, a sua interpretação da visão do artista, construindo, assim, seus próprios conceitos, inerentes à sua individualidade, à sua formação familiar, social, e cultural.

Vygotsky compreendia a criatividade como toda atividade humana geradora de algo novo. Nesse sentido, existe criação não apenas nas obras dos grandes inventores e sábios, mas toda vez que o ser humano imagina torna-se criador de algo novo.

A obra criadora se constitui num processo histórico consecutivo no qual cada nova forma se apoia nas precedentes. Dessa maneira, toda invenção, por genial que seja, é sempre produto de sua época e seu ambiente. A obra criadora partirá de níveis alcançados antes e se apoiará em possibilidades que existem fora de seu criador. (Freitas, 1994: 77).

Outrossim, podemos ainda referendar essa proposta de trabalho nas idéias de Paulo Freire e na sua árdua tarefa em busca de uma escola formadora de indivíduos críticos, sujeitos ativos e transformadores do processo sócio-histórico.

GADOTTI (1990) retrata suas idéias, colocando que estudar é buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento.

Estudar é uma maneira de reivindicar, de recriar, de reescrever-tarefa de sujeito e não do objeto. Não há como alienar-se do texto e conseqüentemente de uma atitude crítica frente a ele.

Cabe ainda salientar o fato de que, sob cada texto existe um "subtexto". E por conseguinte, da análise de cada obra feita pelos alunos leitores, virá a tona suas diferentes interpretações já que segundo BAKHTIN (in FREITAS, 1994) "*não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas sim verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis.*"

E é isso que não podemos perder de vista, já que nosso aluno já chega à escola trazendo toda uma bagagem histórico-social que não deve ser relevada, mas, sim explorada. E a arte, como linguagem, comunicação, pode trazer a tona uma gama de impressões e interpretações que o aluno já experimentou sobre o mundo, porém de forma mais prazerosa, despertando em nossos alunos o gosto pela descoberta.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: Um Intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *O pensamento Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1997.
- GADOTTI, Moacir. *Um convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1990.
- LARA, Tiago Adão. *A escola que não tive... O Professor que não fui*. São Paulo: Cortez, 1996.
- OLIVEIRA, Marta Khol. *Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento*. Um processo sócio-histórico, São Paulo: Scipione, 1995.
- SOUZA, Solange Jobim. *Infância e linguagem; Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980
- VESENTINI, José Willian. *Para uma geografia crítica na escola*. São Paulo: Ática, 1992.